**Como testar uma habilidade?**

*Prof. Dr. Lucelmo Lacerda*

A pergunta-título deste texto parece simples, mas não é, testar uma habilidade é uma tarefa que exige um planejamento prévio e uma análise dos dados posteriores que podem ser bastante complexos, por isso vamos abordar este tema com detalhes para não haver dúvidas.

As tarefas para uma avaliação podem ser organizadas nestes 5 passos:

1. Definição da habilidade-alvo
2. Definição dos antecedentes da habilidade-alvo (estímulos do ambiente e Operação Motivacional)
3. Elaboração e arranho dos antecedentes da habilidade-alvo e dos distratores
4. Elaboração da folha de registros com as múltiplas possibilidades de comportamento e definição da utilização ou não de atividades já aprendidas para manutenção do engajamento
5. Um critério mínimo de desempenho para que se considere aprendida a habilidade-alvo

Apresento agora cada um destes passos, explicitando como deve ser dado e dando exemplos de elaboração.

1. Definição da habilidade-alvo

É comum professores descreverem as habilidades de alunos com pouca precisão, dizerem que “ele sabe ler, mas bem pouco, só coisas soltas”, por exemplo. Mas aqui poderíamos perguntar inúmeras coisas, como: Quais coisas soltas ele consegue ler? Ele lê somente palavras, ou frases com duas palavras? Quaisquer palavras, incluindo aquelas com encontros consonantais? Ele lê qualquer palavra, ou somente aquelas que lhe foram diretamente ensinadas? Ele lê com compreensão ou não (aqui poderíamos operacionalizar ainda muito melhor o que significa “compreensão”)? Ele lê somente fontes impressas? Maiúsculas e minúsculas? Ele lê de maneira fluente ou com silabação? Entre muitas inúmeras outras perguntas, que, se realizadas antes de tudo, no processo de avaliação, nos permite um planejamento e ensino muito mais acurados.

Para isso, é preciso de uma boa definição da habilidade que se quer avaliar, é preciso que esta definição seja operacional, ou seja, descritiva de modo empírico, escrita através de um verbo no infinitivo e que seja verificável. Um bom teste para isso é pensar assim “será que esta definição fosse dada a 5 pessoas e solicitado a elas que a avaliassem, haveria acordo entre todas elas?”.

Vou dar um exemplo de uma *Habilidade Acadêmica*, uma *Habilidade Desenvolvimental* e uma *Habilidade de Aprendiz* para ficar claro como isto pode ser feito, começando por uma habilidade prevista na BNCC:

(EF03HI02) Selecionar, por meio da consulta de fontes de diferentes naturezas, e registrar acontecimentos ocorridos ao longo do tempo na cidade ou região em que vive.

A definição da BNCC pode ser um bom começo, mas é pouco específica para que possamos fazer uma boa avaliação, é imprescindível fazer o que chamamos de *Análise de Tarefas* sobre esta habilidade para que a possamos bem avaliar. Trata-se de “quebrar” uma tarefa em diversas partes menores, como se estivéssemos com uma lupa sobre ela, para conhece-la em detalhes e neste caso, para que possamos avaliar cada aspecto dela.

A habilidade descrita na BNCC parece conter algumas partes fundamentais:

**Selecionar, em meio a um conjunto de estímulos de natureza audiovisual, auditiva, visual (fotos e filmes mudos) e escrita com gêneros historiográfico, jornalístico, documental, publicitário e narrativo, aqueles que descrevam especificamente acontecimentos históricos, discriminando-os de fontes que nos apresentem outros sentidos, como narrativas fictícias, sentimentos, valores, objetos, entre outros. Idealmente, a seleção em cada uma das fontes mencionadas seria uma habilidade específica a ser definida, como, por exemplo: “Selecionar, em meio a um conjunto de documentos públicos oficiais, aqueles que descrevam especificamente acontecimentos históricos, discriminando-os de fontes que nos apresentem quaisquer outros sentidos”.**

Não está claro se a habilidade do estudante, neste caso, se relaciona em discriminar fontes que não apresentem acontecimentos daquelas que apresentem (como se descreve na definição acima) ou se também é necessário discriminar diferentes acontecimentos entre os que ocorreram na região ou não ocorreram na região e sim em lugares distantes, além disso, o conceito de “região” pode variar drasticamente, sendo a “região” o Ocidente, o país em que vive, a região do país, o estado ou ainda a região dentro do estado, o que também confunde o avaliador, imaginemos que este conceito se limite ao período colonial e que a “região” de que trata a habilidade seja a Capitania Hereditária, neste caso, poder-se-ia acrescentar a habilidade de:

**Discriminar e selecionar acontecimentos que ocorreram na Capitania Hereditária em que vive o estudante, em relação aos acontecimentos em outros lugares.**

É verdade que a habilidade acima mencionada pode ser mais ampla e o estudante discriminar os acontecimentos que ocorreram “em sua região” segundo um conceito relativo de “região”, que dependa de qual é a instrução dada, como “em sua Capitania e não em outras”, “em seu país e não no estrangeiro”, “em sua região do país e não em outras” e assim por diante, mas isto deveria ampliar a definição da habilidade, descrevendo especificamente que esta relação (que é muito mais complexa) deve partir de uma instrução condicional e deve conter primeiramente a discriminação de qual é a relação condicional da definição de “região” utilizada na instrução, que poderia ser avaliado apresentando diferentes conceitos de região em diferentes instruções e verificando se o estudante responderia positivamente em todas ou somente algumas delas.

O objetivo da BNCC não menciona como seria este registro e cada tipo de registro poderia gerar diferentes habilidades a serem definidas, é fato que o requisito é “registrar acontecimentos ocorridos ao longo do tempo na cidade ou região em que vive”, mas é preciso ordenar esses acontecimentos ou devem ser fatos que ocorreram ao longo do tempo, mas que podem ser registrados na ordem em que aparecem nos documentos? Esse registro precisa ser escrito ou pode ser por colagem? O registro através da via oral, gravada por um celular atende à habilidade proposta? Uma linha do tempo, com os títulos dos acontecimentos está a contento? Nada disso é respondido no texto oficial, demonstrando uma pobreza da definição e uma dificuldade para o comportamento do professor na ponta do processo, que os profissionais tenham que elaborar hipóteses sobre o que desejava o formulador e trabalhar com estas hipóteses, assumindo que ela pode ser diferente da formulação de outros profissionais no mesmo ano, gerando contradição entre as redes de ensino e perpetuando os problemas que a BNCC visou enfrentar. Mas partindo de hipótese próprias, poderíamos assim formular:

**Registrar em uma linha do tempo, por meio de um título ou legenda do acontecimento, uma reta com sentido cronológico de antes para depois, com marcação de datas, acontecimentos da região organizados conforme a progressão da própria linha do tempo, dispondo para a esquerda os acontecimentos ocorridos antes e avançando progressivamente para a direita os acontecimentos posteriores, na ordem de ocorrência, sendo o último da direita o acontecimento mais recente.**

Passemos então a uma definição de exemplo de uma Habilidade Desenvolvimental, uma forma de rastreio visual, que poderia ser assim apresentada:

**Acompanhar um objeto pequeno de seu interesse de cerca de 2 centímetros, com o olhar, durante 5 segundos consecutivos enquanto ele se move na horizontal em um raio de 30cm em uma velocidade de ida e volta a cada 1 segundo.**

Lembrando que sem o rastreio visual, é impossível que se aprenda a leitura, a não ser que alguém tenha a ideia improvável de ensinar alguém que vê através do braile ou outro método de modalidade não visual. Também é preciso dizer que a habilidade de rastreio visual pode ser definida em parte, como a apresentada, distinguindo-se do rastreio de objetos movidos verticalmente ou diagonalmente, ou abrangendo todas essas possibilidades.

Vamos agora a uma Habilidade de Aprendiz, que pode ser absolutamente fundamental para o desenvolvimento da escolarização do indivíduo:

**Dirigir-se a sua sala de aula, sem instrução de quaisquer pessoas, imediatamente após o fim do intervalo escolar.**

Esta habilidade pode parecer simples, mas ela é, na verdade, um desafio para a escola, que pode, eventualmente, ter dificuldades com seu ensino e também com o ensino de sua execução de maneira dependente dos profissionais, o que também é inadequado.

1. Definição dos antecedentes da habilidade-alvo (estímulos do ambiente e Operação Motivacional)

Uma habilidade não é emitida em qualquer contexto, se assim fosse, não faria o menor sentido, qualquer habilidade tem um contexto específico em que ela deve ser emitida e é fundamental especificá-lo, pois sua emissão em um contexto diferente pode torna-la algo completamente inadequado e prejudicial ao indivíduo. Ir para a sala antes do fim do intervalo, entrar na escola quando deveria sair (fim da aula), ler alto enquanto a Professora explica a lição são exemplos claros de como um comportamento pode ser adequado ou inadequado a depender do contexto, daí que tenhamos de especificar claramente qual é o contexto que ofereceremos para que o comportamento seja ou não emitido e possamos avaliar verdadeiramente sua aprendizagem.

Se estou avaliando se o estudante vai para sua sala após o intervalo, é preciso descrever claramente que isso deve ocorrer “quando tocar o sinal da escola”, se quero que o estudante leia com compreensão, é preciso clareza de que isso só é possível diante de “palavras que correspondam a fenômenos no mundo do universo semântico do estudante”, afinal ele dificilmente leria “com compreensão” as palavras *epistemologia*, *hermenêutica*, *pareidolia* ou quaisquer outras cujo fenômeno não lhe seja familiar, ainda que ele possa decodificar a relação entre grafema e fonema, ao mesmo tempo que ler palavras de duas sílabas de certas famílias silábicas é muito diferente de ler palavras de quantas sílabas houver, com encontros vocálicos ou consonantais, com todas as consoantes do idioma, e assim por diante.

Além disso, é possível que ofereçamos ao estudante um contexto específico, como por exemplo, a instrução “aponte para sua barriga” em que, presumivelmente e distende o dedo indicador ou algum outro e o dirige a seu abdome, o estímulo verbal, a fala da Professora, é bem específica e poderíamos saber se o indivíduo “compreende” sua fala, isto é, relaciona apontar com o gesto específico descrito e relaciona a palavra “barriga” com esta parte do corpo. Mas também é verdade que, caso o estudante não faça o gesto solicitado, isto pode ser decorrente de um outro problema, um outro antecedente ainda não descrito, que é a Operação Motivacional. Ou seja, o estudante pode muito bem ter “entendido” a instrução, mas simplesmente não vê qualquer motivo para segui-la.

Idealmente, um estudante deve seguir a instrução da Professora pela aprovação dela, por sua atenção, seu carinho, seu feedback de que ele acertou, mas é preciso garantir que o estudante se comporte desta maneira. É possível avaliar especificamente se o estudante tem a habilidade de “seguir instruções da Professora” e se esta habilidade está ainda ausente, é preciso garantir uma consequência específica vantajosa para o estudante para que ele tenha motivação para se comportar e que esta consequência esteja especificada juntamente com o estímulo antecedente da habilidade que se pretende avaliar.

Por exemplo, se estamos avaliando certas habilidades motoras ou cognitivas de um estudante e não temos certeza de que ele “entende” nossa fala e já aprendeu a “seguir instruções”, podemos especificar verbalmente e também por meio de rotinas visuais, que ele poderá ir a algum lugar da escola de sua preferência assim que a avaliação terminar, motivando-o a responder a ela.

1. Elaboração e arranjo dos antecedentes da habilidade-alvo e dos distratores

É preciso muito cuidado em arranjar os antecedentes diante dos quais o indivíduo se comporta, pois isso pode ser decisivo para definir se estamos, de fato, avaliando aquela habilidade específica e se o indivíduo conseguirá demonstra-la em sua vida.

Por exemplo, se estamos apresentando uma palavra ao indivíduo e perguntando a ele a que fenômeno no mundo ela se refere e, ao mesmo tempo apresentando aquele estímulo visual, ele pode apontar para ele sem, de fato, ser capaz de apresentar o mesmo comportamento em ambientes distintos e mais complexo.

Digamos que eu coloque um tomate ou uma foto de um tomate na mesa e apresente a palavra “TOMATE” impressa e pergunte ao estudante “O que é isso que está escrito?”, muito provavelmente ele apontará para o tomate, isto porque este é um estímulo muito específico do ambiente que ajuda o estudante a se comportar. Mas na vida real, diante de inúmeras palavras ou da visão de vários objetos, será que ele se comportaria da mesma forma?

É necessário que arranjemos o ambiente de modo mais próximo à vida real para que o estudante se comporte de uma forma que possibilite a verdadeira aprendizagem e generalização da habilidade, então eu poderia fazer a apresentação da mesma palavra “TOMATE” impressa e pergunte ao estudante “O que é isso que está escrito?”, mas deveria apresentar um arranjo de 6 itens (por exemplo), com fotos ou objetos como o tomate, uma torradeira, uma laranja, um passarinho, uma torneira, entre outros, avaliando ao mesmo tempo outras palavras, reorganizando as palavras e os objetos em ordens diferentes, de modo que poderei dizer que, em todas as ocasiões, quando apresentada a palavra “TOMATE” o estudante a relaciona diretamente com o fenômeno no mundo que é esta fruta tão comum no Brasil, idealmente ela seria apresentada também em fotos diferentes, desenhos e também na vida real, entre outras frutas e objetos, demonstrando que realmente o estudante sabe ler, ao menos aquela palavra, com verdadeira *compreensão*.

1. Elaboração da folha de registros com as múltiplas possibilidades de comportamento e definição da utilização, ou não, de atividades já aprendidas para a manutenção do engajamento

Vamos nos manter no exemplo acima, se eu apresentar a palavra “TOMATE” impressa e apresentar a um estudante e pedir a ele para apontar a figura correspondente ao que está escrito, como ele poderia se comportar diante destes estímulos antecedentes? Ele poderia apontar a figura correta, poderia apontar a figura errada e poderia não fazer nada, não apontar coisa alguma, então é necessário que eu registre esta resposta emitida. Em outros casos é possível que haja outras possibilidades de comportamento que precisam ser previstas e registradas também.

Além disso, digamos que o estudante aponte o tomate diante desta palavrinha, mas é possível que ele simplesmente tenha chutado uma resposta, o que chamamos de *Resposta de Adivinhação*, daí que sejam necessárias diversas oportunidades de demonstração da habilidade para confirmar que ela foi, de fato, aprendida.

Além disso, quando se trata de avaliação, é necessário pensarmos sobre o quão cansativa ela é e se o indivíduo se manterá motivado e engajado em todo seu transcurso, isto porque quando se trata de um teste de habilidades acadêmicas, que é realizado integralmente e depois entregue ao Professor, que irá corrigi-la, isto acontece quando o indivíduo tem já habilidades suficientes de Aprendiz, ele se comportamento uma maneira muito menos impulsiva e se engaja na atividade pela instrução dos profissionais, o que não é o mesmo caso de aprendizes mais iniciantes, cujas habilidades são emitidas no contexto imediato e consequenciadas ou não pelos profissionais, podendo gerar um grave problema de engajamento, porque, PRESTE ATENÇÃO A ESTE TÓPICO, durante a avaliação, não se pode dar o feedback corretivo do desempenho do estudante, se ele acertou ou errou, isto porque este feedback tem o valor de propiciar, eventualmente, a própria aprendizagem, fazendo com que sua ocorrência torne muito mais difícil a tarefa de tornar a avaliação um diagnóstico das habilidades do indivíduo.

Por exemplo, digamos que eu decida avaliar se um estudante lê, com compreensão, as palavras: “MATO”, “SAPO” e “BOLA” e apresento primeiramente a palavra “MATO” e ao mesmo tempo uma imagem de uma moita de *mato*, um *sapo* e uma *bola* e registremos em uma folha de registros como a que segue:

|  |  |  |  |  |
| --- | --- | --- | --- | --- |
| **Tentativas** | **Palavra apresentada** | **Acertou** | **Errou** | **Não respondeu** |
| **1** | **MATO** |  |  |  |
| **2** | **SAPO** |  |  |  |
| **3** | **BOLA** |  |  |  |
| **4** | **SAPO** |  |  |  |
| **5** | **BOLA** |  |  |  |
| **6** | **MATO** |  |  |  |
| **7** | **MATO** |  |  |  |
| **8** | **BOLA** |  |  |  |
| **9** | **SAPO** |  |  |  |
| **TOTAL** | |  |  |  |

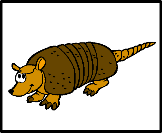
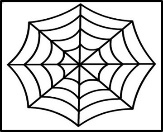
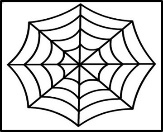
Digamos que o estudante não saiba decodificar o grafema-fonema e muito menos relacionar esta palavra a um fenômeno no mundo, então ele escolhe de maneira aleatória (Resposta de Adivinhação) um estímulo, neste caso, há 33,33% de chance de o estudante acertar a primeira e, caso acerte, uma chance maior ainda de ele acertar a segunda palavra apresentada (se ele apresentar a habilidade de *aprender por exclusão*, sua segunda chance é de 50%) e depois ainda maior de acerto da terceira palavra e se em todos os casos a Professora disser “muito bom, você acertou”, ele pode apresentar daí por diante um acerto em todas as demais oportunidades apresentadas nesta avaliação, não porque ele já tinha aprendido a habilidade, mas porque aprender a resposta na avaliação, que vai levar, neste caso a um resultado equivocado das habilidades deste estudante.

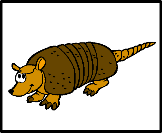
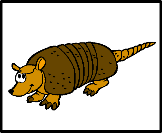
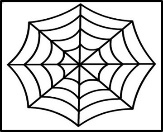
Então, após a primeira escolha, isto é, depois de apresentada a palavra “MATO” e os estímulos *mato*, *sapo* e *bola*, serem apresentados ao estudante, caso ele aponte o *mato*, a Professora não diz a ele que acertou, caso ele escolha outro estímulo, ela também não diz a ele que errou, assim, é pela consistência entre as diversas respostas emitidas que avaliamos realmente se a habilidade foi previamente aprendida.

Mas neste caso, há um outro problema complexo, já apresentado, que é garantir que o indivíduo continue engajado na atividade mesmo que não tenha consequências reforçadoras das habilidades em avaliação. É preciso primeiramente saber quais são as habilidades que este estudante já apresenta sem qualquer dificuldade e introduzi-las no meio das habilidades em avaliação, por exemplo a cada 4 tentativas avaliadas. Imaginemos, por exemplo, imagine uma situação em que iremos avaliar se um estudante, diante de uma certa imagem, seleciona aquela mesma imagem, diante de um arranjo de 3 imagens em avaliação nesta sequência, que apresentaremos em ordem aleatória, para que ele não se comporte simplesmente decorando a posição (esta é uma habilidade pré-requisito para a alfabetização). Digamos que saibamos que ele seja muito bom em imitação, então utilizamos solicitações de imitação para que possamos reforçar seu comportamento de imitar, mantendo-o engajado na atividade que estamos avaliando e transformando este momento em algo agradável para ele.

Isto poderia ser planejado e registrado como na tabela a seguir:

|  |  |  |  |  |  |  |  |
| --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- |
| **T** | **Modelo** | **Estímulos de Comparação** | | | **Certo** | **Errado** | **Não fez** |
| **1** | IATE | IATE | TEIA | TATU |  |  |  |
| **2** | TEIA | IATE | TATU | TEIA |  |  |  |
| **3** | IATE | TATU | IATE | TEIA |  |  |  |
| **IMITAÇÃO** | **Mão na cabeça** | | | | **Reforço** | | |
| **4** | TATU | TEIA | TATU | IATE |  |  |  |
| **5** | TATU | IATE | TEIA | TATU |  |  |  |
| **6** | TEIA | TEIA | IATE | TATU |  |  |  |
| **IMITAÇÃO** | **Mão no nariz** | | | | **Reforço** | | |
| **7** | TEIA | TATU | TEIA | IATE |  |  |  |
| **8** | TATU | TATU | IATE | TEIA |  |  |  |
| **9** | IATE | TEIA | TATU | IATE |  |  |  |
| **IMITAÇÃO** | **Bater palmas** | | | | **Reforço** | | |
| **10** | TATU | IATE | TATU | TEIA |  |  |  |
| **11** | IATE | TATU | TEIA | IATE |  |  |  |
| **12** | TEIA | TEIA | IATE | TATU |  |  |  |
| **IMITAÇÃO** | **Mão no joelho** | | | | **Reforço** | | |

Esta atividade seria apresentada em estímulos com imagens impressas espalhadas em uma mesa ou em uma prancha com velcros nas posições dos estímulos e as imagens soltas e coladas cada qual na posição planejada, em imagens impressas com todos os estímulos de estímulo modelo e comparações, que seriam viradas, uma a uma, em cada tentativa ou ainda em uma tela de computador. Digamos que as três imagens de avaliação (ou ao menos uma primeira avaliação), fosse um Iate, um Tatu e uma Teia, então elas poderiam ser apresentadas em arranjos assim (colocando as 2 primeiras tentativas da tabela, somente para fins de exemplo):

Em ambos os casos, deveria haver um planejamento escrito desta avaliação, em que se descreve especificamente quais seriam os estímulos antecedentes que a Professora apresentaria ao estudante, que poderia ser este conjunto de estímulos e, ao mesmo tempo, a fala “escolhe o igual”, registrando se o estudante acertou, errou ou não se comportou.

1. Um critério mínimo de desempenho para que se considere aprendida a habilidade-alvo

Se em 9 tentativas, 3 para cada estímulo, como no arranjo acima, o estudante acertar 1, eu considero que ele “sabe” a relação? Claro que não, afinal a maior probabilidade, se ele escolher aleatoriamente é realmente de ele acertar um terço das vezes, já que só há 3 estímulos de comparação. Mas a coisa se complica se ele acertar 2 vezes, neste caso ele “sabe” ou “não sabe”, a relação? Na dúvida, alguém poderia dizer que ele deve acertar 100% das vezes o que, neste caso, parece razoável, mas digamos que se trate de uma habilidade cuja avaliação seja mais extensa e complexa, então enquanto houver um só erro não podemos dizer que o indivíduo “aprendeu” uma habilidade? Se o estudante errar a compreensão de uma só palavra em um texto poderíamos dizer que ele não lê com compreensão? É claro que não! Aí é que entra a discussão crítica e complexa sobre este aspecto da avaliação.

A grande pergunta a ser feita aqui é “no ambiente natural da vida do indivíduo, o quanto de acerto ele precisa para que a habilidade traga seus reforçadores naturais?”. Ok, eu sei que a pergunta é complexa, começando pela expressão “reforçadores naturais”, que significam as consequências que o comportamento tem na vida real e não em contexto de ensino. Por exemplo, na escola posso dar “nota azul” como consequência do comportamento de ler um poema em voz alta de maneira fluente, assim podendo reforçar este comportamento, mas na “vida real”, não há ninguém dando “nota azul” para uma declamação, o que há é uma namorada ou namorado se derretendo e eventualmente entregando outros reforçadores (presumivelmente bem mais poderosos que a nota azul), a atenção com curtidas e comentários se isso for postado em uma rede social, a aprovação de um grupo em que isso ocorra (um sarau, por exemplo), entre outros. Nestes casos, o erro de uma palavra seria tolerável e manteria, respectivamente, o derretimento, as curtidas e a aprovação? A resposta a essa pergunta é sempre arbitrária e é preciso senso crítico para responde-la. Eu, por exemplo, diria que sim, a não ser que a palavra trocada fosse por outra com sentido totalmente adverso ao contexto semântico do poema, por exemplo, um palavrão em um poema religioso, uma excreção em um poema de amor, entre outros.

Vou dar outro exemplo aqui, para que os múltiplos exemplares nos ajudem a compreender bem este ponto. Se estou avaliando a habilidade de somar números de 2 algarismos de um estudante e houver 30 tentativas e ele acertar 29 ele “sabe somar”? Seguramente que sim e é natural que em nossa vida cotidiana nós demos ou recebamos e calculemos errado o valor de algo, mas se isto ocorre na maior parte das vezes, então temos prejuízo e passamos vergonha muitas vezes, de modo que o comportamento não recebe o reforçamento no ambiente natural, então temos que ensinar a habilidade. Mas qual é o limite? Como já dito, isso é sempre arbitrário, mas digamos que algo em torno de 90% de acerto sinalize que o indivíduo teria as vantagens desta habilidade em sua vida cotidiana e podemos dizer que ele “aprendeu” a habilidade, enquanto um desempenho menor do que isso, misto é, 26 acertos ou menos das 30 tentativas, nos exija uma intervenção de ensino.

Delineado este critério mínimo de reforçamento em ambiente natural, então ele é incorporado à definição da habilidade, de modo que caso ele seja alcançado, será considerado que o estudante já aprendeu a habilidade e caso ele não a apresente, ela entrará no planejamento de ensino.

Vejamos alguns equívocos comuns na elaboração de avaliação de habilidades:

|  |  |  |
| --- | --- | --- |
| **Equívoco** | **Motivo do equívoco** | **Correto** |
| Conscientizar-se da importância de voltar à sala após o intervalo. | Como nós poderíamos saber se ele “se conscientizou de algo?” e mesmo que acessássemos seus pensamentos, o que seria “estar conscientizado de algo”, só podemos saber se ele “faz” ou “não faz” o comportamento. | Dirigir-se a sua sala de aula, sem instrução de quaisquer pessoas, imediatamente após o fim do intervalo escolar, em ao menos 90% das oportunidades. |
| A capacidade de acompanhar um objeto pequeno de seu interesse de cerca de 2 centímetros, com o olhar, durante 5 segundos consecutivos enquanto ele se move na horizontal em um raio de 30cm em uma velocidade de ida e volta a cada 1 segundo. | A ausência da habilidade não significa ausência da “capacidade” de executá-lo e sim que ainda não foi aprendido. | Acompanhar um objeto pequeno de seu interesse de cerca de 2 centímetros, com o olhar, durante 5 segundos consecutivos enquanto ele se move na horizontal em um raio de 30cm em uma velocidade de ida e volta a cada 1 segundo, em ao menos 80% das oportunidades, em ao menos 5 tentativas diárias em ao menos 3 dias consecutivas. |
| Leitura de palavras com compreensão | Uma habilidade não pode ser um substantivo, uma habilidade é algo que alguém faz ou não faz, é uma ação, sempre um verbo. Além disso, dizer que a leitura ocorre “com compreensão” abre margem para inúmeras formas diferentes de interpretação. | Ler palavras não treinadas, com duas sílabas, impressa em fonte padrão Arial em caixa alta, com as famílias silábicas do B, P e M com todas as vogais e aponta ou descreve o fenômeno no mundo a que se refere a palavra (este seria um objetivo bem específico).  Emitir o som correspondente aos fonemas, de modo fluente (isto é, sem intervalos entre sílabas) e apontar ou descrever o fenômeno no mundo a que é correspondente palavras com quaisquer consoantes, qualquer quantidade de sílabas, com quaisquer formações, como encontros vocálicos ou consonantais, com diferentes fontes de impressão, com letras maiúsculas ou minúsculas, em ao menos 90% das tentativas de ao menos 50 palavras de todos os níveis de complexidade, diante de arranjos de 6 ou mais estímulos, em ao menos 3 dias consecutivos. |